

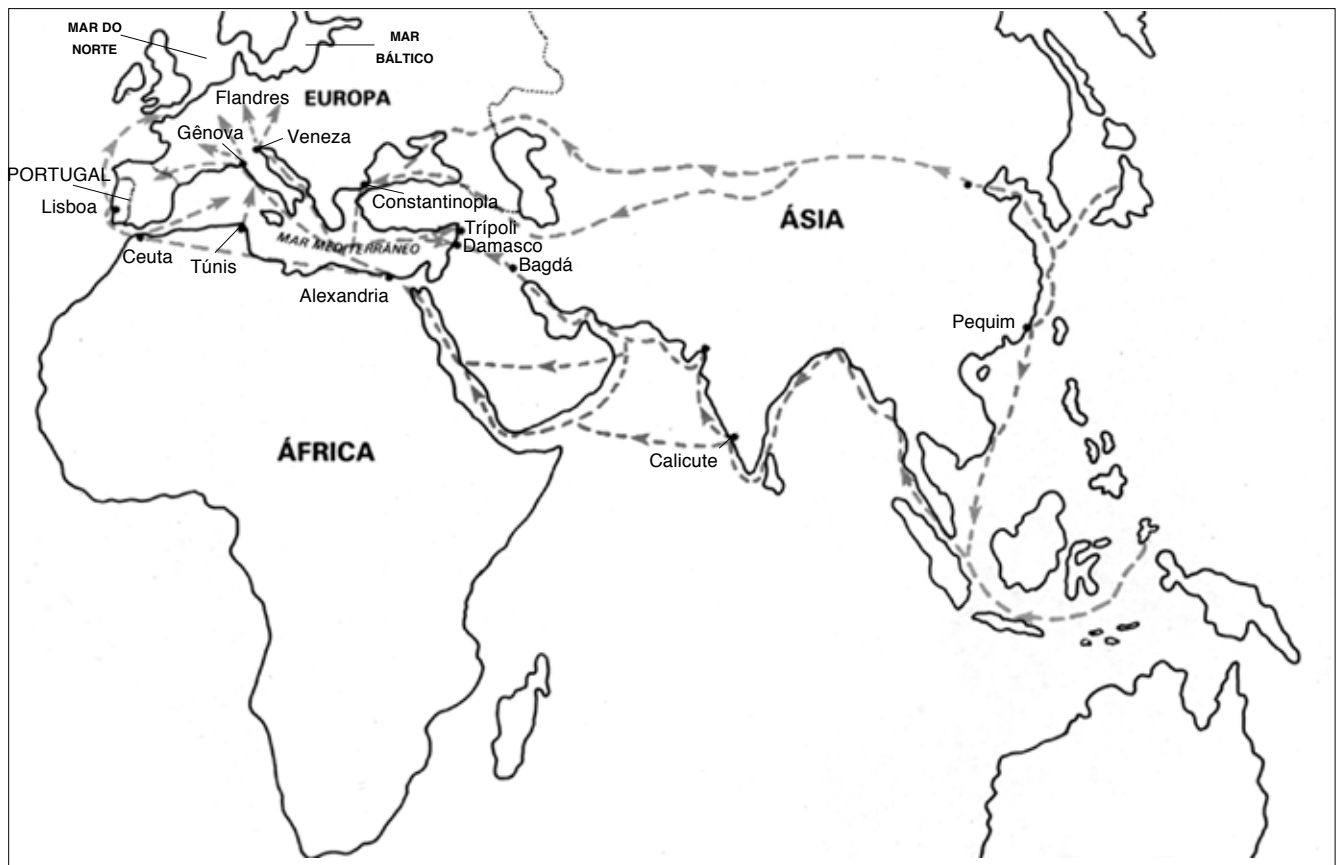
A grande viagem

Abertura

Navegar é preciso, viver não é preciso...

É possível que você reconheça a frase em destaque como um trecho da música *Os argonautas*, de Caetano Veloso. O que você talvez não saiba é que esse era o lema dos antigos navegadores portugueses. As grandes navegações inspiraram muitos autores. Um deles foi Luís de Camões, considerado o maior poeta da língua portuguesa. Camões viveu no século XVI, entre 1524 e 1580. Em *Os Lusíadas*, procurou louvar as grandes conquistas de Portugal por “mares nunca dantes navegados”.

Você aprendeu quando criança que, em 1500, depois de uma longa viagem, a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral chegou a uma “graciosa” terra que mais tarde se chamaria Brasil. Nesta aula você também vai viajar... Por meio dos mapas, vai conhecer as rotas das especiarias. Vai navegar com os portugueses pelos caminhos da África e das Índias.



A relação dos portugueses com o mar é muito antiga: vem desde o século XIII (1201-1300), fruto da pesca e da extração do sal. Pequenas cidades surgiram no litoral português, e um intenso comércio aí se desenvolveu, fazendo crescer um ativo grupo de comerciantes.

No resto da Europa, embora a maior parte da população vivesse da agricultura, a atividade comercial também se expandia. Esse crescimento do comércio europeu se devia ao reatamento das relações com o Oriente e à crescente navegação pelo mar Mediterrâneo, no sul da Europa.

Do Oriente eram comprados, além de artigos de luxo – seda, porcelana, jóias –, outros produtos muito procurados pelos europeus: arroz, laranja, damasco, figos, pau-brasil, algodão.

Mas as mercadorias que despertavam maior interesse eram as **especiarias**: cravo, canela, pimenta, gengibre, açúcar. Usadas na alimentação, na perfumaria e como remédio, as especiarias eram fáceis de transportar e proporcionavam um lucro imenso.

Para o Oriente eram vendidos tecidos de lã, madeira de construção e armas.

Olhe o mapa e observe a localização geográfica das cidades italianas de **Gênova** e **Veneza**. Não parecem bem localizadas para controlar o comércio no Mediterrâneo? Mas, preste atenção... É verdade que a boa situação geográfica ajuda muito, mas não é tudo. Os ativos mercadores de Gênova e Veneza já mantinham, havia muito tempo, relações comerciais com os orientais, principalmente com os **muçulmanos**, que dominavam a navegação no Mediterrâneo.

Seguidores da religião islâmica e inimigos ferozes dos cristãos europeus, contra quem guerrearam durante séculos, nem por isso os muçulmanos deixaram de comerciar com os italianos. Intermediárias do comércio entre a Europa, o Oriente próximo e as Índias distantes, as cidades italianas enriqueceram. Os lucros eram enormes: as mercadorias orientais eram compradas por um preço e revendidas, no resto da Europa, por preços muito mais altos.

No norte da Europa, o comércio também era intenso, embora não tão rico quanto no Mediterrâneo. No mar do Norte e no Báltico, os navios iam de um ponto a outro para apanhar peixe, madeira, peles e couros. O mais importante centro desse comércio era a região de **Flandres**, na atual Bélgica, onde se desenvolveu uma poderosa manufatura de tecidos de lã. Mercadores e artesãos flamengos logo conquistaram fortuna e poder.

Olhe outra vez o mapa do comércio internacional. Observe como foi possível o estabelecimento de rotas ligando Flandres às cidades italianas do sul. Imagine a grande quantidade de artigos produzidos no norte que poderia ser negociada com os produtos caros e diferentes do Oriente. Era preciso, no entanto, escolher uma região central onde mercadores do norte e do sul pudessem realizar seus negócios. Foi escolhida a planície de Champagne, que fica na França de hoje, onde se realizavam grandes **feiras** anuais.

Você pode imaginar o desenvolvimento do comércio sem moeda? Você acha simples trocar um barril de vinho por um saco de trigo? Pense...

O dinheiro é aceito por todos: pode ser trocado por qualquer coisa. Por isso, a **moeda** foi ganhando cada vez mais valor. E, pouco a pouco, foi crescendo o poder da **burguesia**. A burguesia – grupo social composto de comerciantes, banqueiros, artesãos – possuía riqueza em moeda e habitava as cidades, também chamadas **burgos**.

Segundo Leo Huberman, nas feiras eram realizados muitos negócios em dinheiro.

No centro da feira, pesavam-se, avaliavam-se e trocavam-se as muitas variedades de moedas; negociavam-se empréstimos, pagavam-se dívidas antigas. Aí os banqueiros da época efetuavam negócios financeiros de tremendo alcance. Suas operações cobriam negócios que se estendiam por todo o continente. Entre seus clientes contavam-se papas e imperadores, reis e príncipes, Estados e cidades.

Leo Huberman, História da riqueza do homem, p. 35

Pausa

Vamos fazer uma viagem no tempo...

Voltemos à Europa do século XIII. Encontraremos a maior parte da população morando no campo, explorando a terra, vivendo da agricultura, da caça e criação de animais.

Os **nobres feudais** – duques, condes, barões, marqueses, príncipes – eram os senhores da terra, o chamado **feudo**. Os nobres tinham enorme poder sobre os **servos**. Em troca do uso da terra para produzir alimentos, os servos deviam obediência e pagavam pesados impostos ao senhor feudal.

A **Igreja Católica** era a maior senhora feudal da Europa Ocidental e, além de deter o poder espiritual, era muito rica.

Mas você já sabe que algo de novo aconteceu nessa Europa feudal. Volte ao texto. Releia com atenção e veja **que transformações marcaram a sociedade européia** – e portuguesa, é claro – nesse momento.

Seria natural pensar que no século seguinte, o século XIV (1301-1400), o comércio tivesse crescido ainda mais. Mas não foi bem assim... Você vai ver que a história do homem se faz por avanços e recuos. No século XIV, o comércio europeu encolheu. O que teria provocado esse declínio?

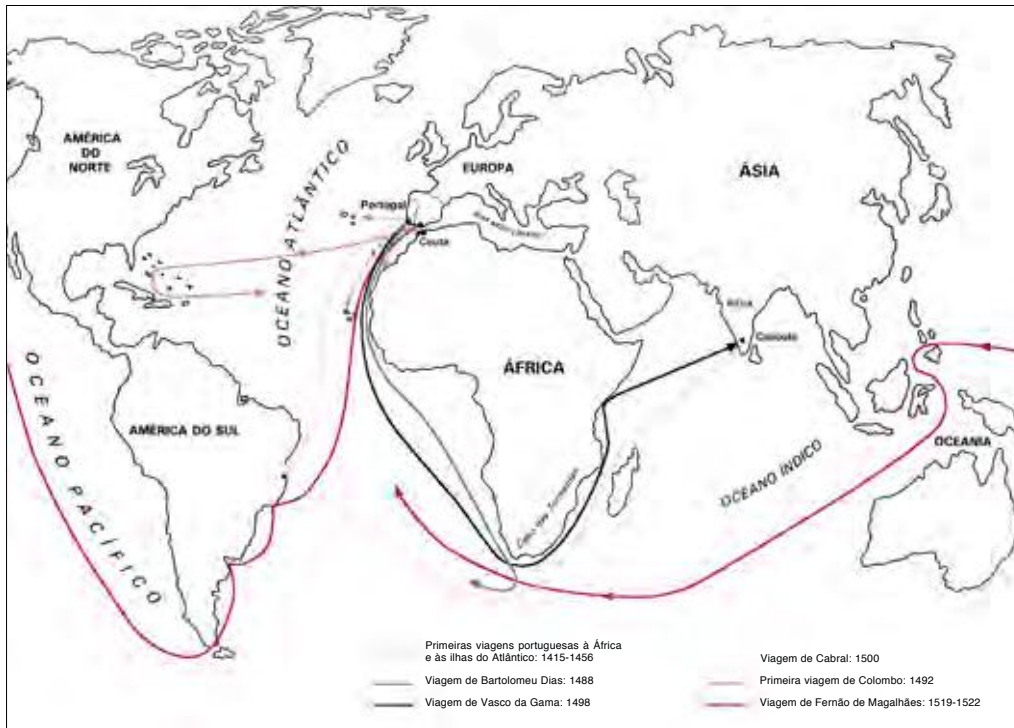
Vários fatos podem explicar a crise do século XIV, conhecido como o **século da fome**. Guerras devastaram a Europa; a mais terrível foi a **Guerra dos Cem Anos** – que, de 1337 a 1453, colocou ingleses contra franceses. Os servos se rebelaram contra o aumento da exploração que sofriam dos nobres. Os campos foram abandonados, a produção de alimentos diminuiu, as pessoas morriam de fome. Doenças, como a temida **peste negra**, chegaram a eliminar um terço da população européia.

Você acha que as feiras, as rotas do comércio que atravessavam a Europa de norte a sul, puderam ser conservadas? Muito difícil, com todas essas guerras, rebeliões, epidemias... Como, então, manter o comércio entre o norte e o sul da Europa?

Voltando aos mapas, é fácil observar que, por via marítima, era possível fugir da devastação que arrasava as estradas. Veja que essa solução vai se revelar bastante favorável a Portugal. À beira do oceano Atlântico, a meio caminho entre o norte da Europa e as cidades italianas do sul, Portugal tornou-se passagem obrigatória para as embarcações que trafegavam nos dois sentidos.

Os portos portugueses passaram a abrigar comerciantes e navegadores de todos os pontos da Europa, favorecendo o intercâmbio de mercadorias e de informações. Iniciava-se, então, o deslocamento do centro comercial do Mediterrâneo para o Atlântico.

No século XV (1401-1500), beneficiado pelos lucros e pela experiência que obteve como intermediário no comércio do Atlântico norte, Portugal pôde



se dedicar a um empreendimento mais importante, e mais arriscado também. Seu objetivo agora era deixar de ser intermediário e partir para a conquista de novas terras, novas fontes de comércio e de exploração de riquezas. O primeiro alvo dessa expansão foi a cidade de **Ceuta**, no **norte da África**.

A escolha de Ceuta deveu-se a vários motivos. Consultando o mapa, você pode perceber um deles: a **proximidade geográfica**. Para quem estava começando, o primeiro passo deveria ser pequeno.

Mas isso não era o principal. Os interesses comerciais falaram mais alto. Ceuta era um importante centro de comércio de mercadorias orientais de luxo e de produtos africanos – como ouro e marfim – que possuíam enorme valor para o comércio europeu.

A conquista dessa cidade africana, em 1415, significaria a obtenção de enormes lucros para o rei, a nobreza e os comerciantes portugueses, que uniram seus recursos para financiar a viagem e a guerra contra os mouros.

Você já deve ter ouvido a expressão “trabalhar como um mouro”, indicando uma pessoa que trabalha de sol a sol.

Mouros eram populações que habitavam o norte da África e que seguiam a religião muçulmana. Inimigos dos cristãos, durante séculos ocuparam a península Ibérica, onde se localizam Portugal e Espanha.

Derrotados pelos portugueses no século XIII, muitos mouros se tornaram escravos. Daí vem a palavra “mourejar”, que significa trabalhar muito.

A vitória contra os mouros, habitantes de Ceuta, tinha um outro importante significado para os portugueses, especialmente para a rica e poderosa Igreja Católica. Essa vitória foi vista como uma forma de destruir os “infiéis”, ou seja, aqueles que não seguiam a fé católica. Derrotar os infiéis em Ceuta, portanto, significou glória para a Igreja, terras e títulos para os nobres, poder para o rei, fortuna para os burgueses e, para os marinheiros e soldados, a perspectiva de uma vida melhor e mais cheia de aventura.

Em tempo

O sucesso em Ceuta animou Portugal a prosseguir a expansão por outros pontos da África, começando pelas ilhas da **Madeira** (1419) e dos **Açores** (1432). Nelas, os portugueses adquiriram enorme experiência colonizadora, posteriormente aplicada na América. Utilizando a mão-de-obra escrava dos habitantes das ilhas e contando com investimentos de capital de Gênova, os portugueses estabeleceram ali uma lucrativa produção açucareira. Os lucros obtidos nessa atividade é que permitiram a continuação da expansão africana.

O próximo alvo foi o **litoral africano**, onde os portugueses construíram uma série de **feitorias** – fortes destinados ao comércio. Os portugueses não pretendiam ocupar a África: o que eles desejavam era estabelecer relações comerciais com os chefes africanos, a fim de obter ouro, marfim e, principalmente, escravos, que eram levados para trabalhar em Portugal.

Em 1443, o navegador Nuno Tristão atingiu a baía de Arguim, terminal de uma rota que levava a Tombuctu, um dos centros do comércio africano em que se encontravam escravos, sal e ouro.

Volte ao mapa e siga o caminho da expansão portuguesa rumo ao sul da África. Observe como, pouco a pouco, a chegada às **Índias** por via marítima foi se tornando possível. Acompanhe... Em 1498, dez anos depois de Bartolomeu Dias contornar o temido Cabo das Tormentas – que então passou a ser chamado de Cabo da Boa Esperança –, a esquadra do navegador **Vasco da Gama** chegou a **Calicute**. Esse era um importante ponto do comércio de especiarias controlado pelos muçulmanos.

Mais uma vez, os portugueses deviam enfrentá-los. A tentativa de estabelecer relações comerciais com o chefe de Calicute fracassou. Usando de violência, Vasco da Gama acabou trazendo para Lisboa uma verdadeira fortuna em especiarias e demais produtos orientais. Estava aberta, assim, uma nova rota para as Índias, mais rápida e mais barata. Isso significou fortuna e poder para os portugueses, crise e decadência para as cidades italianas e para o norte da Europa.

Saber para navegar

Entendeu agora por que, para os portugueses, navegar era mais importante do que viver? O mar não era só promessa de riqueza; era também perspectiva de aventura, oportunidade de conhecer novos mundos. Para além da Europa rural, onde a Igreja controlava tudo e todos, deveria haver novas terras e novos povos.

O medo caminhava junto com a esperança. Medo do desconhecido, dos mares bravios e distantes que engoliam embarcações e homens. Esperança de enriquecer, de fazer uma vida diferente. O importante era ter fé no **poder do homem** e no **progresso da ciência**.

Em tempo

Em 1961, o russo Yuri Gagarin foi o primeiro homem a fazer uma viagem espacial. Oito anos depois, em 1969, os americanos chegaram à Lua. Para isso, foi necessário muito investimento em ciência e em tecnologia.

As viagens espaciais eram diferentes de tudo quanto até então se conhecia. Novas naves foram desenhadas. Roupas, alimentação e objetos foram especialmente criados. Astronautas rigorosamente treinados pilotavam as naves utilizando computadores modernos. Tudo mudou. E o que mais mudou foi a crença do homem em sua própria capacidade. Para o poder da criação humana, nem o céu era mais o limite.

Para se lançar às grandes navegações, os portugueses também precisavam mudar. Não bastava a proteção de Deus. Eles precisavam de boas embarcações como a **caravela**, leve e veloz, própria para aproximações em terra firme. Precisavam de **mapas** mais detalhados, **cartas náuticas** mais precisas e instrumentos de navegação mais desenvolvidos, como a **bússola**. Precisavam de armas mais poderosas: o uso da **pólvora** lhes deu as armas de fogo com as quais seriam capazes de enfrentar os perigos do desconhecido. E precisavam, sobretudo, confiar na capacidade do homem de dominar a natureza.

Isso parece fácil, hoje. Mas nos séculos XIII e XIV era muito difícil. E você sabe por quê? A maioria das pessoas achava que o homem, cheio de pecados, só deveria existir para a glória divina. A Igreja Católica, muito poderosa, glorificava Deus (teocentrismo; *teo* = Deus). A fé valia mais que a ciência. Como, então, o homem poderia navegar? Pense... Era preciso mudar. E mudou.

Desde o século XIV, desenvolvera-se nas cidades italianas o **humanismo**, movimento de um grupo de homens cultos que pregava a **glorificação do homem**. Para eles, o homem era o centro do universo (antropocentrismo; *antropo*=homem).

Esses **humanistas** buscavam inspiração na antiga cultura greco-romana, que tinha o ser humano como valor máximo. Por isso, **Renascimento** foi o nome dado ao movimento que, nas artes, na ciência e na literatura, buscou divulgar valores mais ligados à vida terrena, ao individualismo, ao racionalismo, à experimentação e ao espírito científico. Indagava-se, duvidava-se, experimentava-se, confiava-se na capacidade do homem de pensar e fazer coisas novas. Era todo um **modo novo** de ver e viver o mundo, mais de acordo com a nova economia comercial e monetária. O homem, agora, não sonhava apenas com o paraíso no céu: passou a buscar o paraíso na terra.

Entendeu por que as grandes viagens atraíam tantas pessoas para o mar? Você já deve estar se lembrando do nosso grande poeta português, Camões, que tanto acreditava no poder do navegador luso de conquistar o mundo. Camões foi o principal escritor do Renascimento em Portugal.

Muitas invenções e descobertas. Novas idéias e ideais. Os europeus começavam a pensar diferente.

Mas... como tudo isso seria conhecido? Os meios de comunicação da época eram muito simples; na maior parte das vezes, a transmissão de conhecimento era feita de boca em boca.

Por tudo isso, a invenção da **imprensa**, em 1455, foi um fato fundamental. Volte ao texto e reflita sobre a importância da expansão da comunicação escrita nesse momento.

Pausa

Pouco a pouco estamos completando o quadro que permite compreender por que um pequeno país do oeste europeu tornou-se o pioneiro da expansão marítima. Falta ainda uma peça muito importante, da qual falaremos logo adiante.

Comandar para navegar

Mais uma vez, voltemos a Camões. Em *Os Lusíadas*, ao narrar a epopéia portuguesa na conquista dos mares, o poeta destacou o papel do **rei** nesse processo. Pense um pouco... Você já deve ter observado que a expansão portuguesa foi um processo caro e complicado, que exigia muitos recursos financeiros e humanos: dinheiro para construir e equipar as caravelas, para contratar os melhores navegadores, geógrafos, cartógrafos, físicos...

Em tempo

Os historiadores Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo destacam que

na Europa de então, somente esse reduzido grupo de homens tinha intimidade com os segredos do oceano – ventos, marés, influência dos astros, sinais de terra, cheiros, correntes e tempestades – e experiência em lidar com as novas rotas, com instrumentos náuticos, com as caravelas, com os povos, animais e paisagens encontrados havia pouco. Somente os marinheiros reuniam coragem suficiente para se aventurar durante meses, nas piores condições possíveis, em direção a desconhecido, com as cabeças povoadas de lendas sobre aterradoras monstros marinhos, sereias traiçoeiras, abismos logo após o fim da Terra, zonas tórridas que queimavam os miolos e enegreciam os seres humanos...

Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo, *No tempo das caravelas*, p. 69-70

Montar uma esquadra, portanto, exigia anos de preparação para a acumulação de capitais e a formação de pessoal técnico. O comando de todo esse processo devia ficar nas mãos fortes do **rei**.

Em torno da Coroa, organizaram-se os setores sociais mais importantes da sociedade portuguesa: a nobreza, a Igreja, os comerciantes, os funcionários públicos. Nisso, mais uma vez, Portugal foi pioneiro. No século XIV, enquanto outras regiões da Europa, como a França e a Inglaterra, dividiam-se em guerras entre nobres e o rei, a Coroa portuguesa pôde unificar o país e colocá-lo sob seu comando. O estabelecimento do poder absoluto do rei nos outros países da Europa foi um processo longo e difícil, que só se consolidou no século XVI.

As iniciativas da Coroa portuguesa para favorecer as grandes navegações foram decisivas. Um exemplo: o príncipe d. Henrique (1394-1460) organizou, em Sagres, um centro de encontro de estudiosos e técnicos em navegação, para que fossem discutidos os rumos futuros da expansão. Comandante da Ordem de Cristo, o rei português podia mobilizar recursos da Igreja. Arrecadador de impostos dos ricos burgueses, o Tesouro Real era o único capaz de bancar um empreendimento tão arriscado.

É claro que, como maior investidora, a Coroa era também quem mais deveria ganhar com a expansão. Daí a presença constante do próprio rei no porto de Lisboa, à espera das caravelas que vinham da África, das Índias e da América.

Você deve estar se perguntando: e a América?

Afinal, você sabe desde criança que a América foi descoberta pelos espanhóis, sob o comando de Cristóvão Colombo, navegador de Gênova.

Como os espanhóis chegaram à América antes dos portugueses? Que condições permitiram à Espanha disputar com Portugal a supremacia da conquista do “novo mundo”? Como se deram os primeiros contatos entre culturas tão diferentes, a espanhola e a nativa? Quem eram os nativos?

Exercício 1

Releia o item **Navegar é preciso**. Faça uma relação das principais transformações que ocorreram na economia e na sociedade da Europa, entre os séculos XIII e XV.

Exercícios

Exercício 2

Faça um resumo das etapas da expansão marítima portuguesa.

Exercício 3

Releia o item **Saber para navegar** e enumere as invenções e descobertas científicas que permitiram aos europeus se lançar às grandes navegações.

Exercício 4

Releia o item **Comandar para navegar** e explique a importância do papel do rei no processo de expansão marítima portuguesa.

